

Agostino nel XVI centenario della conversione. Vol. I., p. 305-314.

⁸ Questão vital para todo o conjunto da Exegese e da Hermenêutica de um texto antigo, a crítica textual, mas sobretudo o uso de um método crítico, é indispensável, se bem utilizado, quando se trata das Sagradas Escrituras. Diversos estudos críticos já foram citados, acerca da leitura crítica dos Padres e da leitura crítica ‘en soi même’; recorro para o período da leitura crítica dos Padres Latinos, ou seja, durante a evolução da *Vetus Latina*, antes da aparição da *Vulgata* ou após, como texto que se impõe em todo o Ocidente: PETZER, J. H. The Latin Version of the New, in Testament. In: EHRMAN B. D. et M. W. HOLMES (ed.). *The Text of The New Testament in Contemporary Research*. Michigan: Grands Rapids, 1995, 95-122. Já citado, NORTH, J. L. The Use of The Latin Fathers for the New Testament Textual Criticism. In: EHRMAN B. D. et M. W. HOLMES (ed.). *The Text of The New Testament in Contemporary Research*. p. 208-231; METZGER B. M. The Origins of the Textual Criticism. In: _____. *The Text of the New Testament. Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 2ª Ed. Oxford: Clarendon, 1968, p. 149-55, espec. 153-54, nas quais Metzger cita Santo Agostinho: “On other occasion Augustine suggest that preference should be given to readings that are current in important, thus anticipating B.H. Streeter’s theory of ‘Local Texts, He writes: *Doctr. Christ. II, 15,22* (Migne, PL XXXIV.46: apud ecclesias doctiores et diligentiores): “If the books of the New Testament are confusing in the variety of their Latin translations, they should certainly give place to the Greek versions, especially to those which are found among the more learned and diligent churches.”

⁹ VERNANT, J.-Pierre. A Religião, objeto da Ciência? In: _____. *Entre Mito & Política*. São Paulo: Edusp, 2001, 87-94.

¹⁰ Santo Agostinho discute de modo clássico a questão do ‘tempo’ em diálogo com a Revelação cristã (Eternidade) em dois textos da tríplice obra de *theologia* e *Filosofia*, em ‘Confissões’ 11 e ‘De Civitate Dei’ 12. Cf. MORAN, J. *La Ciudad de Dios*, p. 02-59; GILSON, Étienne. *Notes sur l’être et le temps chez saint Augustin*. *Revue Augustinienne*, Paris, nº 2, p. 205-223, 1962; LETTIERI, G. *Il senso della Storia in Agostino d’Ippona*. Roma: Borla, 1988.

ANATUREZADA RETÓRICA

Profa. Me. Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)

RESUMO

Tendo como base o 2º capítulo da obra intitulada *The Art of Persuasion in Greece*, de autoria de George Kennedy, grande estudioso da retórica e literatura clássicas, este artigo tem por finalidade facilitar a compreensão de como surgiu o que chamamos de RETÓRICA e o seu desenvolvimento até Teodectes, o dramaturgo. É necessário esclarecer que este artigo terá continuidade na próxima edição da revista *Principia*, onde será abordado o desenvolvimento da Retórica de Aristóteles até a Retórica ad Alexandrum.

Palavras-chave: retórica, filosofia, persuasão

Um dos principais interesses dos gregos era a retórica. Tal fato deve-se primariamente à importância da oralidade na sociedade grega. O grego precisava falar bem em seu dia-a-dia para convencer o seu público, exercendo assim plenamente a sua cidadania. A própria literatura grega, tal como a possuímos hoje, tinha uma origem oral, o que se torna mais evidente se examinarmos os diferentes gêneros literários. A poesia dramática era feita para ser declamada ou cantada. A própria filosofia talvez tenha tido sua origem em máximas populares e cosmologias transmitidas oralmente, isto sem falar na oratória, que evidentemente encontrava seu ápice na expressão oral diante de um público.

Mesmo em sua expressão escrita toda esta literatura deriva muito de seu vigor dos seus aspectos orais. Na poesia lírica, por exemplo, isto é particularmente evidente nas diferentes preces e exortações que encontramos na obra de poetas como Safo e Calino. Quando lemos hoje tragédias ou comédias áticas, é inevitável imaginar como seriam estas obras na encenação propriamente dita, e através da compreensão dos problemas da encenação aprofundamos bastante o entendimento da obra escrita. Na verdade, a retórica está sempre ligada à persuasão, a qual está presente nestes diferentes gêneros. Devido ao papel exercido pela oralidade e pela persuasão na sociedade grega, papel este que se reflete na própria literatura, é natural que a retórica assumisse grande relevo na educação dos gregos e, posteriormente, dos romanos. O aprendizado do bem falar para persuadir era bastante extenso e tinha grande utilidade.

Dentro deste contexto é importante analisar a palavra grega para discurso: *lógos*. Tal palavra tem uma vasta gama de significados, assumindo às vezes até uma conotação mística. Na verdade, *lógos* tem dentro do grego uma tríplice significação principal, significando palavra, vocábulo, daí aglomerado de palavras, discurso, e finalmente conteúdo do discurso, raciocínio. É este último significado que assume um valor filosófico, motivando a tradução, feita por Cícero, da palavra *lógos* como *ratio*. Há uma famosa passagem de Isócrates (*Nícoles* 5ss, reproduzido

em Antidosis 253ss) que assinala lógos como conceito básico da civilização humana, já que distingue os homens dos animais.

Segundo a teoria tradicional a retórica é dividida em cinco partes. A primeira é a heúresis ou inuentio e trata do conteúdo dos discursos. Aí se encontra a tradicional divisão aristotélica dos discursos em três gêneros: o judiciário ou forense formado de discursos empregados em causas jurídicas perante tribunais, o deliberativo, formado de discursos sobre causas políticas enunciados perante assembléias, e o epidíctico ou demonstrativo, formado de discursos sobre questões gerais enunciados perante um público não específico. Na verdade, o gênero epidíctico veio englobar todos os discursos que não encontravam lugar nem no gênero deliberativo nem no judiciário. A segunda parte da retórica é a táxis ou dispositio, a qual trata da organização das diferentes partes de um discurso. As divisões básicas dos discursos são geralmente a introdução ou proêmio (prooímion, exordium), a narração (diégesis, narratio), a prova (pístis, probatio) e o epílogo ou conclusão (epílogos, peroratio). A terceira parte da retórica é a léxis ou elocutio, a qual trata do estilo do discurso. A quarta parte é a memória (mnéme, memória), a qual trata de expedientes mnemônicos para a memorização do discurso. A quinta parte é a hypókrisis ou actio, que trata do desempenho do orador durante a enunciação do discurso, entrando aí, entre outras coisas, o estudo da modulação da voz e da gesticulação.

Na Antigüidade houve uma vasta tradição de escritos sobre a teorização da retórica. Apenas alguns destes escritos chegaram até nós, mas mesmo assim podemos ter a visão bastante abrangente de um fio contínuo da tradição retórica antiga que chega até os romanos, encontrando nestes a sua expressão mais completa, através das Institutiones Oratoriae de Quintiliano.

Através destes escritos retóricos podemos perceber que, apesar de seu grande relevo na educação e na civilização da Antigüidade Clássica, houve uma contestação á importância da retórica por parte de alguns filósofos. Para bem entendermos esta contestação faz-se mister remontar até o movimento sofístico, surgido no século V a. C.. Os sofistas foram os primeiros a ensinar a arte de falar bem para conseguir a persuasão do ouvinte. Foram, portanto, os primeiros mestres de retórica, e entre eles destacaram-se Protágoras e Górgias. Na verdade, o ensinamento sofístico era relativista: nele todos os argumentos eram válidos para defender uma causa, fosse ela boa ou má. Contra este relativismo insurge-se Sócrates que, através da dialética, busca definições precisas e um padrão para uma verdade absoluta. No ensinamento de Sócrates estariam os germes da doutrina platônica sobre a retórica, contida, sobretudo nos diálogos Górgias e Fedro. Platão desvaloriza a retórica, afirmando que a dialética lhe é essencialmente superior. A retórica, para Platão, não teria o estatuto de uma “arte” (téchne) e, portanto, não é passível de teorização. As opiniões de Platão contra a retórica são, de resto, bem mais acentuadas no Górgias que no Fedro. Neste último diálogo Platão reconhece

até que a retórica existe e tem alguma utilidade. Na verdade, as opiniões platônicas contra a retórica não apenas os pensamentos de seu mestre Sócrates, mas também o desprezo essencial que Platão nutria pela forma de vida política em Atenas, incluída aí a liberdade de palavra.

A reação contra as controvertidas opiniões socráticas e platônicas acerca da retórica deu-se de imediato. Isócrates deu a Platão uma resposta de caráter essencialmente prático. Para Isócrates a retórica tinha grande valor para o cidadão na medida em que era importante o falar bem no dia-a-dia da vida grega. Já Aristóteles, discípulo de Platão, deu ao mestre uma resposta teórica e filosófica. Embora em um diálogo juvenil, intitulado Gryllus, Aristóteles tenha assumido por inteiro as opiniões platônicas acerca do pouco valor da retórica, seu pensamento evoluiu muito até a Arte Retórica. Esta começa logo com a seguinte frase: “A retórica é correlativa antístrofos com a dialética”. Nenhuma das duas é superior à outra, mas ambas tratam dos mesmos assuntos de maneiras diferentes. Ao mesmo tempo, para Aristóteles a retórica é uma “arte” e, portanto, é passível de teorização filosófica. O estagirita dá, portanto, um tratamento à retórica baseado bastante na lógica e na ética, tratamento este imparcial e sem apologias da retórica.

Esta disputa entre a retórica e a filosofia é reflexo também do conflito existente entre dois modelos educacionais diferentes. Após Aristóteles a polêmica acalmou-se bastante, e mesmo escolas filosóficas incluíram em seus currículos o estudo da retórica. Toda essa controvérsia refletiu-se também na educação romana, na qual a retórica era muito relevante. Ocasionalmente a disputa entre filósofos e mestres de retórica ressurgiu ao longo da Antigüidade, mas sem a intensidade da época de Platão e Isócrates.

Nesta rivalidade é natural que o homem moderno procure assumir uma posição a favor da filosofia. A princípio esta parece ser a busca da verdade, enquanto a retórica não passaria do ensino de expedientes para a persuasão e, conseqüentemente, para a enganação. No entanto, a retórica tem suas virtudes, e dentre estas a principal é fornecer ao ser humano meios mais eficientes para a sua própria defesa e para a defesa de suas opiniões. Num sistema político-social onde a palavra é livre é evidente a importância da retórica. A retórica apresenta também, sem dúvida, alguns defeitos, e dentre estes o maior é o fato de o orador muito hábil julgar-se onipotente em seu poder de persuasão, podendo defender com sucesso causas boas ou ruins.

1- Técnicas de Persuasão na Literatura Grega antes de 400 a. C.

Segundo uma tradição antiga a arte da retórica teria sido inventada no século V a. C. em Siracusa, Sicília, por Córax e Tísias. Dali teria passado a Atenas através do sofista Górgias de Leontinos, que veio numa embaixada à Ática em 427 a. C.

Na verdade, algumas circunstâncias fizeram com que os séculos V e VI a.

C. se tornassem a idade de ouro da retórica e da oratória. Em primeiro lugar, através da evolução judiciária, os tribunais passaram a ter júris muito grandes, com um mínimo de duzentos e um integrantes. Perante tantos jurados era necessária grande habilidade de persuasão. Ao mesmo tempo, a democracia evoluiu politicamente e os cidadãos foram ganhando cada vez mais espaço para expor suas opiniões perante a assembléia.

É de se notar ainda que a consciência retórica na Grécia foi despertada nesta época por quatro fatores. O primeiro é o desenvolvimento do racionalismo nas provas e argumentos. Neste desenvolvimento inclui-se o uso do argumento por probabilidade. O desenvolvimento de argumentações mais sutis e trabalhadas atesta não apenas um progresso na retórica, mas também está fundada no princípio de que a justiça, mesmo existindo em forma absoluta, não é sempre óbvia, e deve ser descoberta através da racionalidade humana.

Outro fator é o interesse que surge em dividir os discursos em partes, cada uma com uma função individual.

Um terceiro fator é o interesse manifestado na busca de novos estilos de prosa. Nesta busca destaca-se o gosto pela antítese. Se examinarmos a literatura grega, veremos que esta figura estava profundamente enraizada no espírito helênico.

Finalmente, o quarto fator consiste no interesse crescente pela linguagem propriamente dita. Tal interesse mostra-se na nascente ciência da filologia. Vários sofistas dedicaram-se a estudos sobre a língua, e o diálogo Crátilo de Platão atesta o interesse pelas etimologias.

No século V a. C. teve início a teorização retórica, mas na literatura grega técnicas de persuasão oratória são bem evidentes já nos poemas homéricos. Com efeito, nas epopeias homéricas temos vários tipos de discurso. No canto IX da *Ilíada* Fênix, o preceptor de Aquiles, diz que o tinha educado para ser um “praticante de atos e falador de discursos” (VV 442-443). Não só a atividade guerreira é valorizada nos poemas homéricos, mas também a eloquência faz parte da areté (virtude) heróica. Na *Ilíada*, de resto, cada herói tem seu estilo de falar.

A argumentação apresentada nos discursos homéricos é bastante fraca do ponto de vista lógico. Encontramos ali exemplos de persuasão através do uso de evidências diretas, referências ao caráter do orador, exemplos ou apelos à emoção do ouvinte, sem o uso do argumento por probabilidade. Aliás, poucos discursos registrados em Homero poderiam ser classificados dentro do que hoje entendemos como oratória real, sendo a maioria antes da conversação.

Prosseguindo na trilha da literatura grega, vemos que a obra *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo é por inteiro uma tentativa de persuadir seu irmão Perses. O mesmo caráter persuasivo vemos em muitas das obras da lírica arcaica. No Hino Homérico a Hermes encontramos pela primeira vez algo que se aproxima de uma disputa forense onde é usado o argumento por probabilidade. Para defender-se da acusação de ter roubado os rebanhos de Apolo, Hermes apresenta o argumento de

que ele é uma criança e, portanto não pode ser um ladrão. Nas *Eumênides* de Ésquilo encontra-se mais uma cena de disputa forense, em que o acusado é Orestes. Ali Apolo atua como testemunha e virtual advogado de defesa e Atena como juíza. Os discursos proferidos por Orestes, por Apolo e pelas Erínias mostram já uma argumentação bastante desenvolvida sobre uma questão bastante espinhosa. Em Heródoto também já se nota um certo interesse por coisas que mais tarde seriam associadas à retórica. Há vários discursos inseridos em sua obra, mas, como em Homero, a melhor parte do discurso direto inserido na obra está, do ponto de vista argumentativo, nos diálogos e não na oratória. Podem-se ainda encontrar em Heródoto as quatro características da consciência retórica já enumeradas, assim como o argumento por probabilidade.

O estudo das características retóricas já presentes em Ésquilo e em Heródoto demonstra bem que a retórica não foi introduzida como algo novo em Atenas por Górgias em 427 a. C.. No entanto, é necessário ter consciência da tremenda impressão que as técnicas retóricas deste orador causaram no público ateniense. Já em Tucídides a técnica oratória difere da técnica de Heródoto sobretudo em grau e intensidade. A retórica envolve o estilo de Tucídides em grau ainda maior que o de Heródoto. Ainda em termos de estilo temos a figura principal usada por Tucídides é a antítese, empregada em orações, frases ou discursos inteiros.

2- Teoria Retórica Primitiva, Córax até Aristóteles

A instrução retórica no século V a. C. era dada de duas maneiras diferentes. Em primeiro lugar eram fornecidos lugares comuns, ou seja, discursos inteiros ou mesmo partes de discursos ou mesmo apenas frases para a análise dos alunos, formando uma instrução através da exemplificação. Havia também a instrução através de manuais de retórica, os quais eram compostos de exposições de preceitos através de uma teorização sobre o assunto. Pelas referências contidas em Platão, Aristóteles e Isócrates, estes manuais eram em grande número. Nenhum destes manuais mais primitivos chegou até nós, mas sabe-se que Aristóteles, antes de escrever seu próprio tratado retórico, compilou-os em uma obra intitulada *Synagogè Technôn*.

2.1- Córax

Diz-se que os primeiros a escrever um manual de retórica foram os sicilianos Córax e Tísias, de Siracusa. Existem várias tradições a respeito dos dois, das quais a mais importante é aquela segundo a qual Tísias teria sido discípulo de Córax. Praticamente nada resta deste manual, o que dificulta a compreensão do ensino retórico dos dois.

2.2- Górgias

Ao que parece, o sofista Górgias não escreveu nenhum manual sobre retórica. Seu ensino dava-se através de discursos e coleções de lugares comuns. Para Górgias a retórica tinha como objetivo a persuasão, qual operavam os argumentos lógicos e a força da emoção. O uso do irracional material emotivo na persuasão caracteriza-o como uma psicagogia, uma condução das almas através de uma espécie de encantamento.

Górgias dava também muita atenção ao estilo. O estilo de Górgias caracterizava-se pelo uso de uma linguagem poética e pelo desenvolvimento extremo do uso da antítese, a qual, como já foi visto, já era usada por vários escritores antes dele. Este uso extremo da antítese reflete a concepção sofisticada de que a verdade é relativa e necessita da expressão de contrastes para revelar-se. O estilo de Górgias não encontrou grande favor entre os críticos da Antiguidade, que o tinham como excessivamente afetado.

Uma última noção à qual Górgias deu bastante ênfase em sua teorização retórica é o conceito de *kairós* (oportunidade). Só através da análise das condições particulares de tempo, lugar e circunstância em que é proferido um discurso pode-se escolher a organização, a argumentação, as provas e o estilo deste discurso.

2.3- Trasímaco

Trasímaco de Calcedônia, outro sofista, dava, na mesma época de Górgias, bastante importância ao ritmo dentro do estilo. Embora pouquíssimos fragmentos de Trasímaco tenham chegado até nós, sabemos que o ritmo por ele adotado era predominantemente o peão. Note-se que a influência de Trasímaco na oratória posterior deu-se mais através da imitação do que seu ensino propriamente dito.

2.4- Outros Retóricos

No século V a. C. e no início do século IV a. C. houve outros tratadistas retóricos, mas são figuras bem menos importantes e suas obras não chegaram até nós.

2.5- Isócrates

Isócrates, o grande mestre da retórica do século IV a. C., teria também escrito um manual, do qual não sobrou nada. Aparentemente Aristóteles conheceu este manual. Ao que tudo indica, nele Isócrates definia como objetivo da retórica a persuasão. Falava ainda de discursos judiciais e deliberativos e de discursos de louvor e repúdio. Reconhecia também as divisões usuais do discurso judicial: proêmio, narração, prova e epílogo, além de tratar do estilo, preconizando sua pureza. O conhecimento destas teorias retóricas de Isócrates é extremamente útil para uma melhor contextualização das idéias de Aristóteles contidas na Arte Retórica, já que ambas as obras são aproximadamente do mesmo período.

2.6- O Fedro de Platão

Os eruditos atuais não encontraram ainda um consenso acerca da determinação do tema do Fedro. Com efeito, neste diálogo temos, a par de uma discussão sobre a retórica, a exposição de idéias mais características da filosofia platônica, como a doutrina do amor. Na verdade, Platão consegue atingir nesta obra uma admirável unidade artística entre vários temas.

Há três discursos sobre o amor no Fedro. O primeiro é atribuído a Lísias, mas a pesquisa moderna indica que, na verdade tal discurso é um habilíssimo pastiche feito por Platão do estilo de Lísias. A este discurso sobre o amor Sócrates replica com um discurso sobre o mesmo tema com as teses contrárias, discurso este tecnicamente muito bem elaborado e dividido nas quatro partes usuais: proêmio, narração, prova e epílogo. Logo após Sócrates rejeita as teses de seu primeiro discurso como imorais e profere um discurso muito mais longo, onde é exposta a teoria platônica do amor através do mito da carruagem. No diálogo há ainda uma discussão sobre a retórica em que substancialmente Sócrates afirma que o verdadeiro orador deve ser também conhecedor de filosofia, como Péricles, discípulo de Anaxágoras. Ao mesmo tempo, se a retórica é a arte da persuasão, faz-se mister que o orador conheça também psicologia, para compreender o impacto de cada discurso em cada tipo de alma.

2.7- Teodectes

Aristóteles utilizou em sua Arte Retórica todos os compêndios retóricos existentes em sua época. No entanto, a obra por ele mais utilizada há de ter sido o tratado retórico composto por seu amigo Teodectes, o dramaturgo, ao qual é feita referência na Retórica (1410b2). Nada desta obra chegou até nós, mas ao que parece ela tratava, entre outras questões, das virtudes do estilo e das funções das diversas partes do discurso.

Da segunda metade do século IV a. C. possuímos dois tratados completos sobre retórica. Um deles, a chamada Retórica de Alexandre, enquadra-se como um produto típico da tradição retórica primitiva. O outro é a Arte Retórica de Aristóteles, a qual se baseia profundamente nos estudos feitos pelo estagirita acerca de ética, política e lógica. Para bem compreendermos a Retórica de Aristóteles é necessário ter duas coisas em mente. Em primeiro lugar, a obra surgiu não repentinamente, mas através de um desenvolvimento gradual, como, aliás, toda a filosofia aristotélica. Em segundo lugar, é necessário levar em consideração a influência exercida por Platão, antigo mestre de Aristóteles. Com efeito, várias passagens da Retórica parecem desenvolver sugestões de Platão ou são respostas a objeções feitas pelo mestre.

Referências Bibliográficas

- DUMONT, Jean-Paul. *A filosofia antiga*. Lisboa, Ed.70, 1981.
KENNEDY, George. *The Art of Persuasion in Greece*. Princeton, Princeton University Press, 1963.
MORA, José F. *Dicionário de filosofia*. Lisboa, Dom Quixote, 1978.
VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo, Difel, 1984.

O REGIME DAS VISIBILIDADES: AS PALAVRAS, AS IMAGENS E AS COISAS

Profa. Dra. Mary Kimiko G. Murashima (UERJ)

RESUMO

Uma leitura do regime de visibilidades na constituição dos pressupostos sobre o saber desenvolvidos em A arqueologia do saber e As palavras e as coisas, de Michel Foucault, a par da produção de René Magritte e do texto foucaultiano Isto não é um cachimbo.

Palavras-chave: 1. Foucault; 2. visibilidade. 3. Magritte

“L’arte pittorica – che descrive il pensiero ispirato – si limita alla descrizione del pensiero ispirato suscettibile di apparire visivamente. Ossia del pensiero che unisce – nell’ordine che evoca il mistero – le figure del mondo visibile: persone, cieli, montagne, alberi, mobili, solidi, scritte ecc. (Una tale arte è evidentemente inadeguata alla descrizione dell’invisibile; le idee, i sentimenti e le sensazioni.) La descrizione del pensiero ispirato permette l’avvento della poesia visibile.” (*MAGRITTE, René. La poesia visibile. Nel catalogo della mostra di Magritte al Casino comunale di Knokke, luglio-Agosto 1962.*)¹

SABER: UM REGIME DE ENUNCIADOS E UM OUTRO DE VISIBILIDADES

A aventura do saber. O primeiro dos labirintos pelos quais Foucault se arriscou, deslocando seu propósito, abrindo-lhe subterrâneos. Dos estudos foucaultianos acerca do saber nos dão testemunho suas obras – Folie et déraison: histoire de la folie à l’âge classique; Naissance de la clinique e Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines –, teses não formalizadas sobre um novo exercício de análise histórica, diferente da posição clássica, que se aproximaram da epistemologia e de suas conquistas para desenvolver uma arqueologia dos saberes, cuja aplicação se dirige às ciências humanas e a sua análise enquanto formações discursivas.

Uma aventura na qual ele insistiu, realizando uma explanação elucidativa da teoria desenvolvida difusamente nas obras supracitadas, explicitando o novo trabalho arqueológico do historiador em L’archéologie du savoir.

Para Foucault, o saber seria constituído de dois substratos que podem ser denominados por alguns pares estratégicos: ver e falar, visível e dizível, visibilidades e legibilidades, conteúdo e forma. O saber, portanto, seria um agenciamento prático entre visibilidades e enunciados, que funcionam, contudo, em uma ordem mais profunda que a das palavras e as coisas, daí o sentido de uma